

PECUÁRIA COMO POLO DE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL: UM ESTUDO SOBRE A DINÂMICA ECONÔMICA NO NOROESTE GOIANO

LIVESTOCK AS A TERRITORIAL DEVELOPMENT HUB: A STUDY ON
ECONOMIC DYNAMICS IN NORTHWEST GOIÁN IN ENGLISH

LA GANADERÍA COMO EJE DE DESARROLLO TERRITORIAL: UN ESTUDIO
SOBRE LA DINÁMICA ECONÓMICA EN EL NOROESTE DE GOIÁNEN ESPAÑOL

Suzana Caiado de Carvalho França¹, Lucia Maria Moraes²

DOI: 10.54899/dcs.v22i83.3585

Recibido: 08/09/2025 | Aceptado: 30/09/2025 | Publicación en línea: 15/10/2025.

RESUMO

A pecuária bovina goiana evoluiu de uma atividade rudimentar de subsistência, no período colonial, para uma indústria moderna e globalizada, fundamental para a economia do Estado a partir do século XX e com grande êxito inovador tecnológico e de sustentabilidade no Século XXI. Este estudo investiga a importância da produção de carne bovina no Brasil, com foco na região Noroeste de Goiás, destacando seu papel como líder na criação de gado. Analisa-se como essa atividade impacta o desenvolvimento local e regional, considerando aspectos de sustentabilidade, qualidade e quantidade da produção. A fundamentação teórica baseia-se em teorias dos Lugares Centrais (Christaller), Polos de Crescimento (Perroux) e abordagens sobre agronegócio e crescimento sustentável. A pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, utilizou dados secundários além de revisão de literatura. Os resultados evidenciam que a pecuária atua como catalisador de outras cadeias produtivas, gera empregos, atrai investimentos e promove a dinâmica econômica regional. Conclui-se que, integrada a políticas públicas e inovação tecnológica, a pecuária pode impulsionar o desenvolvimento territorial sustentável na referida região.

Palavras-chave: Cadeia Produtiva da Carne Bovina. Desenvolvimento Regional. Territorialidade. Sustentabilidade. Qualidade de Produção.

ABSTRACT

Cattle farming in Goiás has evolved from a rudimentary subsistence activity during the colonial period to a modern, globalized industry that is fundamental to the state's economy. This study investigates the importance of beef production in Brazil, focusing on the northwest region of Goiás, highlighting its role as a leader in cattle raising. It analyzes how this activity impacts local and regional development, considering aspects of sustainability and production quality. The

¹ Especialista em Projetos, com Pós-Graduação Master em Arquitetura pelo Instituto de Pós-Graduação e Graduação (IPOG), Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: sucaiado@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-1044-261X>

² Doutora em Estruturas Ambientais Urbanas pela Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: lucia.dhescmoradia@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9459-3948>

theoretical framework is based on theories of Central Places (Christaller), Growth Poles (Perroux), and approaches to agribusiness and sustainability. The qualitative, exploratory and descriptive research used secondary data in addition to a literature review. The results show that livestock farming acts as a catalyst for other production chains, generates jobs, attracts investment, and promotes regional economic dynamics. It is concluded that, integrated with public policies and technological innovation, livestock farming can drive sustainable territorial development.

Keywords: Beef Production Chain. Regional Development. Territoriality. Sustainability. Production Quality.

RESUMEN

La ganadería bovina en Goiás ha evolucionado desde una actividad rudimentaria de subsistencia durante la época colonial hasta una industria moderna y globalizada, fundamental para la economía del estado desde el siglo XX y con un éxito significativo en innovación tecnológica y sostenibilidad en el siglo XXI. Este estudio investiga la importancia de la producción de carne de vacuno en Brasil, centrándose en la región noroeste de Goiás, destacando su papel como líder en la ganadería. Analiza cómo esta actividad impacta el desarrollo local y regional, considerando aspectos de sostenibilidad, calidad y cantidad de la producción. El marco teórico se basa en las teorías de los Lugares Centrales (Christaller), los Polos de Crecimiento (Perroux) y enfoques de agronegocios y crecimiento sostenible. La investigación cualitativa, exploratoria y descriptiva utilizó datos secundarios y una revisión bibliográfica. Los resultados demuestran que la ganadería actúa como catalizador de otras cadenas productivas, genera empleo, atrae inversiones y promueve la dinámica económica regional. Se concluye que, integrada con las políticas públicas y la innovación tecnológica, la ganadería puede impulsar el desarrollo territorial sostenible en dicha región.

Palabras clave: Cadena Productiva de Carne de Res. Desarrollo Regional. Territorialidad. Sostenibilidad. Calidad de la Producción.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

A pecuária de corte ocupa lugar central na economia e na história brasileira desde o período colonial, sendo um dos motores da interiorização e da agroexportação. Hoje, o Brasil detém o maior rebanho comercial do mundo, com 234 milhões de cabeças de gado (ABIEC, 2023), e Goiás se destaca como polo nacional, especialmente o Noroeste, onde municípios como Nova Crixás e Mozarlândia concentram grandes rebanhos. Essa região integra a “fronteira agrícola e pecuária” expandida a partir dos anos 1970, sustentada pela modernização do campo,

infraestrutura logística e presença de frigoríficos que funcionam como “lugares centrais”, na perspectiva de Christaller (1966).

O desenvolvimento, entretanto, vai além do fator produtivo. Perroux (1967) ressalta que polos econômicos devem gerar transformações sociais e culturais, reduzindo desigualdades. Hirschman (1958) reforça os efeitos de encadeamento que investimentos estratégicos, como a pecuária, podem induzir, mas alerta para riscos de concentração, em linha com Myrdal (1957), cuja “causação circular cumulativa” explica a perpetuação de assimetrias territoriais. No Noroeste goiano, a força da pecuária impulsiona o PIB regional, mas também convive com baixa diversificação produtiva, fragilidade da agricultura familiar e vulnerabilidade social (Arrais, 2004).

O debate atual sobre desenvolvimento regional incorpora a sustentabilidade como dimensão crucial. Autores como Dias; Labegalinib e Csillag (2012) e Delgado (2012) destacam a necessidade de alinhar a competitividade da pecuária a práticas de manejo responsável, rastreabilidade e integração com sistemas agroflorestais e de baixo carbono (ABC+). Nesse contexto, Goiás figura entre os cinco maiores rebanhos nacionais nos últimos dez anos, com destaque para São Miguel do Araguaia e Nova Crixás (ABIEC, 2023). Assim, compreender a pecuária na região exige integrar a lógica espacial da Teoria dos Lugares Centrais (TLC), os polos de crescimento, os encadeamentos produtivos e os desafios ambientais, de modo a projetar um desenvolvimento territorial mais inclusivo e sustentável.

O crescimento contínuo da produção de carne bovina na região, demanda uma abordagem sustentável, é essencial estudar e explorar as melhores práticas, garantindo que o desenvolvimento seja dinâmico, socialmente justo e ambientalmente responsável. A qualidade da carne produzida deve atender às premissas do atual sistema, considerando aspectos como sanidade animal, bem-estar, rastreabilidade e segurança alimentar. Considerando que o desenvolvimento da pecuária precisa ocorrer de forma sustentável, como garantir que a produção de carne adote práticas que reduzam os impactos ambientais, tais como o manejo adequado das pastagens, a preservação das áreas de vegetação nativa e o uso responsável dos recursos hídricos? Nesse contexto, quais são as principais preocupações ambientais das fazendas diante das exigências de uma pecuária mais sustentável?

A pesquisa tem como objetivo identificar impactos e influências da produção da carne bovina no desenvolvimento do Noroeste Goiano. De maneira específica analisar a Região como um todo (diagnóstico); avaliar os impactos ambientais, sociais e econômicos da produção de

carne bovina na Região do Noroeste Goiano; identificar práticas de uso de recursos naturais, manejo e tecnologias utilizadas nessas fazendas.

A pesquisa será qualitativa, com abordagem exploratória e descritiva. Foram utilizados métodos de coleta de dados primários e secundários para garantir uma visão holística do cenário da pecuária bovina na região. Foram analisados relatórios técnicos, estudos anteriores, e dados secundários disponíveis em instituições como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e órgãos estaduais de agricultura e pecuária. Foi realizada uma revisão da literatura sobre práticas de produção de carne bovina, Desenvolvimento Regional, e impactos econômicos da pecuária, com foco na realidade do Noroeste Goiano.

O presente artigo tem como objetivo geral investigar a importância da produção de carne bovina no Brasil, com foco na região Noroeste de Goiás, destacando seu papel como líder na criação de gado.

A LÓGICA DAS TEORIAS DE CHRISTALLER E PERROUX NA LOCALIZAÇÃO DAS CADEIAS PRODUTIVAS DE CARNE BOVINA EM GOIÁS

Ferreira et al., (2020) investigaram a distribuição geográfica do gado em Goiás, utilizando técnicas de geoprocessamento e análise exploratória de dados espaciais (AEDE). Os pesquisadores empregaram informações da Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa) e da Pesquisa Pecuária Municipal (PPM-IBGE) referentes ao ano de 2017. Foram reconhecidas divisões geográficas no estado, com zonas dedicadas à produção de leite localizadas nas regiões Sudeste e Sudoeste, enquanto diferentes fases da pecuária de corte (como cria/recria, engorda e abate) se encontram nas regiões Noroeste e Sudeste. Os autores também conectaram o desenvolvimento das áreas produtivas a aspectos históricos da colonização do cerrado, que se deu de sul para norte, impactando assim a região sudeste de Goiás, conhecida por sua intensa atividade agropecuária moderna.

Martins (2019) avaliou a eficiência técnica dos criadores de gado de corte em diversas regiões do Brasil entre 2002 e 2017 por meio da análise de fronteira estocástica. Ao considerar fatores relacionados à nutrição animal, às áreas de pastagem, ao suporte técnico, às condições climáticas e do solo, além da adequação do ambiente físico, os achados mostraram que a produção de gado de corte no país teve um desempenho médio significativo, variando entre 91,22% e 90,87%, conforme os modelos prévios analisados. Foi observado que os sistemas extensivos

tiveram um impacto adverso, ao passo que os confinamentos geraram efeitos benéficos. Portanto, conforme a autora, essa indicação enfatiza de que maneira a intensificação na pecuária pode resultar em benefícios e aprimoramentos para o segmento.

Esta seção discute o marco conceitual que fundamentou a análise realizada acerca da cadeia produtiva de carne bovina em Goiás. A atenção se volta para a Teoria dos Lugares Centrais (TLC), formulada pelo geógrafo Walter Christaller em 1966. Essa teoria analisa a distribuição de bens e serviços no território, enfatizando dois conceitos fundamentais: limiar e alcance. Christaller analisou um sistema urbano onde a posição de cada cidade na hierarquia estava relacionada à quantidade e diversidade de produtos e serviços disponíveis, influenciando assim seu nível de centralidade, que contribuiu para o desenvolvimento desse estudo.

Essa teoria foi desenvolvida com base em premissas também apresentadas por Bradford e Kent (1987), sistemas que serão debatidos no estudo, são eles: a) Há a presença de uma vasta planície homogênea sem barreiras, onde o transporte é igualmente fácil para qualquer direção; b) A população está distribuída de maneira uniforme por toda a região; c) Os núcleos centrais estão posicionados nessa área para oferecer produtos, serviços e funções administrativas dentro de sua zona de influência; d) Os consumidores se dirigem ao núcleo central mais próximo que proporciona a função (produtos ou serviços) que buscam, visando reduzir a distância de deslocamento; e) Os fornecedores dessas funções atuam economicamente, buscando maximizar seus lucros e estabelecendo-se na planície para alcançar o maior mercado possível. Como os consumidores se movimentam em direção ao centro mais próximo (suposição d), os fornecedores se posicionarão o mais distante possível uns dos outros, a fim de ampliar suas áreas de mercado; f) Os fornecedores agirão dessa maneira, garantindo que nenhum consumidor tenha que percorrer uma distância maior do que aquela que está disposto a viajar em relação a uma função específica. Alguns centros oferecem várias funções e são chamados de centros de ordem superior, enquanto outros, que disponibilizam um número reduzido de funções, são considerados centros de ordem inferior; g) Supondo que os centros de ordem superior oferecem certas funções (funções de ordem superior) que os centros inferiores não disponibilizam, eles também fornecem todas as funções (funções de ordem inferior) que os centros de ordem mais baixa oferecem; h) Todos os consumidores possuem a mesma capacidade financeira e a mesma demanda por bens e serviços.

É importante destacar que a TLC se alinha à série de publicações que teve início em 1972, chamada Regiões de Influência das Cidades (REGIC), elaborada pelo IBGE (Pacheco, 2020). Segundo Christaller (1966), o alcance e o limiar estão relacionados à complexidade ou à categoria

do produto ou serviço, ou seja, quanto mais específicos forem, maior será seu alcance e seu limiar. Considerando a perspectiva das empresas fornecedoras, em um contexto urbano existem diversas categorias de serviços que são oferecidos.

Christaller (1966) categoriza os produtos com base em sua relevância como bens de mercado de qualidade inferior e superior. Os produtos de mercado de qualidade inferior têm níveis baixos e abrangência reduzida, como ocorre com serviços básicos e amplamente distribuídos, como padarias, lojas de conveniência ou até consultórios médicos, localizados nas cidades da região. Bens de mercado de alta qualidade são aqueles que apresentam elevados padrões e uma ampla área de atuação, como ocorre com hospitais ou instituições de ensino superior, no caso em estudo pode citar o Frigorífico JBS Friboi que compra o boi em pé e beneficia a seu produto para o mercado local, regional e exporta para países consumidores da carne bovina.

Conforme a Teoria dos Locais Centrais, um centro de hierarquia superior é caracterizado por fornecer produtos ou serviços mais sofisticados, atendendo a uma quantidade maior de pessoas. Por outro lado, um centro de hierarquia inferior se dedica a oferecer bens ou serviços de importância reduzida, que são mais frequentemente acessíveis à população (Bradford; Kent, 1987).

De forma oposta ao conceito de centro, Christaller (1966) define o “local disperso”. Um ponto fundamental dessa pesquisa, que será abordado nas próximas seções, é que há municípios com uma população reduzida e uma oferta limitada ou inexistente dos serviços básicos como infraestrutura, educação, e outros de atenção a população. Os “espaços periféricos” referem-se a regiões que não estão localizadas em um centro, como áreas que não estão adjacentes a um ponto central, cujas localizações frequentemente não são definidas por benefícios econômicos. As áreas centrais como menciona Souto et al., (2017, p. 7) apresentam uma “maior valorização”, enquanto as áreas mais distantes têm uma “menor valorização”.

Ao analisar o crescimento desigual na França, Perroux (1967) observa que o avanço econômico do sistema capitalista não resulta em uniformidade, mas em um fenômeno que não ocorre simultaneamente em todas as áreas, nem com a mesma força. Esse processo se revela de maneira mais pronunciada em determinadas regiões, apresentando efeitos e intensidades distintas. A partir de 1950, ele introduz a noção de Polos de Desenvolvimento. Conforme Cavalcante (2008), embasando-se na abordagem *schumpeteriana* acerca das funções das inovações, Perroux sugere a criação do conceito de indústrias motrizes.

De acordo com Perroux (1967, p.176), uma economia em expansão é marcada pela interação entre setores dinâmicos (motrizes) e setores dependentes. O crescimento ocorre quando indústrias motoras impactam outras unidades, gerando efeitos para frente e para trás na economia. Contudo, o autor alerta que a concentração em polos pode causar desajustes, redistribuindo rendimentos sem ampliar a produção total. Para que haja progresso, é essencial difundir os efeitos do crescimento de forma intencional, promovendo colaboração entre regiões prósperas e menos favorecidas. Nesse sentido, Lima e Simões (2010) ressaltam que os polos de desenvolvimento devem transformar não apenas a economia, mas também a vida social da população, com participação ativa do Estado e das instituições.

Cavalcante (2008) destaca que incentivos governamentais, como subsídios e investimentos em infraestrutura, são decisivos para estimular setores estratégicos, alinhando-se à defesa de Hirschman (1958) de que o Estado deve impulsionar cadeias produtivas capazes de gerar encadeamentos para frente e para trás. No caso da pecuária, a expansão em regiões afastadas depende diretamente de rotas logísticas eficazes (Caixeta Filho, 2015). A cadeia da carne bovina no Brasil é complexa, iniciando-se nas propriedades rurais, passando pelo abate e processamento primário que geram cortes e subprodutos (couro, sebo), e chegando à indústria de transformação, que agrega valor com hambúrgueres, embutidos e pratos prontos (Buainain; Batalha, 2007). Essa diversificação fortalece a competitividade internacional do setor, envolvendo insumos, criadores, frigoríficos, comércio e consumidores (Bernardelli; Michellon, 2019).

De acordo com Zylbersztajn e Neves (2000), a cadeia da carne deve ser entendida como um sistema agroindustrial, articulado por fluxos materiais, financeiros e de informação, cuja eficiência depende da coordenação entre agentes, da inovação tecnológica e da certificação de qualidade (Neves; Castro, 2003). Em Goiás, a pecuária é vetor estratégico para o desenvolvimento regional, mas enfrenta desafios de assimetria entre grandes e pequenos produtores, bem como de adesão a práticas sustentáveis. Nesse sentido, o setor precisa avançar em rastreabilidade, sustentabilidade ambiental e integração entre os elos produtivos para manter a competitividade e reduzir desigualdades.

O Brasil consolidou-se como potência mundial da carne bovina, alcançando mais de 150 mercados graças a investimentos em tecnologia e produtividade (EMBRAPA, 2021). No entanto, coexistem diferentes sistemas produtivos (confinamento, semiconfinamento e extensivo), gerando desigualdades devido a fatores como estrutura fundiária, fertilidade do solo e acesso a capital (ABIEC, 2011). Estudos como os de Saith e Kamitani (2016) mostram o deslocamento da

produção para o Centro-Oeste e Norte, enquanto Perobelli et al. (2018) evidenciam o papel da inovação tecnológica na produtividade. Assim, a pecuária brasileira apresenta dupla face: motor econômico e de inserção internacional, mas também dependente de incentivos públicos, marcada por desigualdades regionais e pressionada por desafios ambientais, exigindo políticas que conciliem eficiência, inclusão social e preservação ambiental.

DESENVOLVIMENTO REGIONAL DO ESTADO DE GOIÁS CONFORME AS TEORIAS DE CRISTALLER E PERROUX

Atualmente, a pecuária de corte transcende os limites da propriedade e envolve diversos componentes em sua cadeia produtiva. A operação conta com um considerável complexo industrial dedicado ao processamento e ao abate de gado bovino. Para atingir o nível de excelência que se tem, foi imprescindível um considerável investimento na pesquisa de inovações em nutrição, pastagens, manejo de saúde e genética. Esse cuidadoso processo de evolução transformou a fazenda em uma organização agrícola, focada não apenas em aumentar a lucratividade da operação, mas também em aprimorar a qualidade do produto nacional e, por conseguinte, sua competitividade e alcance no mercado (Malafaia, 2023).

Por meio de uma significativa reorganização da cadeia produtiva, o setor conseguiu alcançar benefícios como: aumento nas taxas de natalidade, diminuição nas taxas de mortalidade, antecipação da idade de abate e aprimoramento na taxa de aproveitamento do rebanho. Embora seja um setor indiscutivelmente inovador e robusto, existem inúmeras oportunidades a serem aproveitadas, visando aumentar a rentabilidade e diversificar as necessidades de consumo, uma vez que a cadeia produtiva enfrenta diversos entraves que devem ser resolvidos. Percebe-se uma grande diferença no nível tecnológico utilizado nas propriedades. Além disso, Malafaia, (2023) reforça em sua análise que a pouca qualificação de muitos produtores torna a implementação de novas tecnologias mais desafiadora

De acordo com informações publicadas em novembro pela ABIEC, (2020), o Brasil possui um total de 214,69 milhões de bovinos. A característica mais relevante no avanço dessa atividade no país é a diversidade nos métodos de produção, assim como nos processos de gestão e venda do gado apontados por Carvalho e Zen (2017).

Com uma previsão de 202,78 milhões de bovinos em 2022, o gado no Brasil mais que dobrou desde a década de 1970 (ABIEC 2023). Durante esse período, também foram observados

ganhos notáveis em vários indicadores zootécnicos, resultando para o País em uma realização ímpar no cenário global. O Brasil, que anteriormente dependia da importação, agora alcançou a autossuficiência na produção de carne de boi. Com 72,1% da produção voltada para o mercado interno, o consumo anual per capita atingiu 36,7 kg em 2022, um dos mais altos globalmente. Com uma produção extra de somente 27,9%, alcançou o *status* de maior exportador global, um título que mantém desde 2004 (ABIEC, 2023).

No ano de 2022, a exportação alcançou 2,26 milhões de toneladas para 150 nações, gerando uma receita anual de US\$ 12,97 bilhões (ABIEC, 2023). No mesmo ano, a cadeia produtiva, além de assegurar a alimentação da população brasileira, constitui uma relevante fonte de criação de empregos e geração de renda. As estatísticas evidenciam claramente a força desse segmento, colocando o Brasil como um dos protagonistas na fabricação e venda de carne no cenário global.

De acordo com informações da ABIEC (2020b), as principais áreas de criação de gado bovino, com base em pesquisas feitas em 2019, são: A região norte possui 47.990.772 cabeças de gado, exibindo um crescimento de 92,56% no rebanho ao longo da última década. Já a região centro-oeste conta com 73.382.268 cabeças, apresentando um aumento de 1,62% no mesmo período.

Adicionalmente, o avanço expressivo do rebanho bovino na região Norte, com taxa de crescimento superior a 90% em uma década, reforça a leitura de que a expansão da pecuária está profundamente vinculada à dinâmica da fronteira agrícola e, por consequência, ao aumento do desmatamento e da pressão sobre os ecossistemas (Nepstad et al., 2019). Já em Goiás, a estabilidade no crescimento do rebanho indica que a região alcançou um estágio de consolidação produtiva, no qual o aumento da competitividade se dá menos pela expansão territorial e mais pela incorporação de inovações tecnológicas e pelo aperfeiçoamento genético dos rebanhos (Yokoo et al., 2019).

PERFIL DA PECUÁRIA NO NOROESTE GOIANO

A chegada do agronegócio em Goiás resultou na modernização de diversas regiões e no aumento da arrecadação do estado, promovendo a circulação de recursos. No entanto, essa transformação se deu em áreas privilegiadas, o que intensificou as desigualdades socioespaciais, já que muitos municípios, apesar de possuírem um setor produtivo significativo, ainda enfrentam

condições urbanas precárias. O estado de Goiás abriga diversas empresas multinacionais que extraem minérios, grãos, carne e combustíveis, gerando um significativo impacto ambiental, mas sem que haja um retorno financeiro proporcional ao que é extraído (Bueno, 2019).

A expansão na exploração do cerrado brasileiro, que possibilitou o avanço pecuário há mais de cinco décadas, demarca a região centro-oeste como a maior produtora de bovinos do Brasil. Nos Estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás concentra-se mais de 30% da produção bovina nacional, tendo a região pouco mais de 10% das propriedades produtoras de bovinos no país.

Os fatores que contribuíram para o desempenho do Cerrado entre 1975 e 1993 compreendem: os significativos investimentos do governo em infraestrutura de transporte que conecta o Centro-Oeste a áreas mais ativas no Sul e Sudeste do Brasil; a maior oferta de tecnologias inovadoras criadas por instituições de pesquisa; além de iniciativas de desenvolvimento regional como o Programa de Cooperação Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento dos Cerrados (Prodecir) e o Programa para o Desenvolvimento dos Cerrados (Polocentro). O Polocentro contribuiu com a inclusão de 2,4 milhões de hectares na agricultura do Cerrado durante os primeiros cinco anos de sua implementação, com uma parte dessa superfície destinada à atividade pecuária (Santana et al., 2019).

O aumento da procura, tanto interna quanto externa, por produtos agrícolas, aliado à existência de terras acessíveis e a ações governamentais como o crédito rural com subsídios, a fixação de preços mínimos e a quase total isenção de impostos sobre a renda do setor, contribuiu para a expansão das atividades de pecuária e agricultura no Cerrado. Santana et al., (2019), indica que um dos aspectos que mais impactou o crescimento da criação de gado no Cerrado durante as décadas de 1970 e 1980 foi a grande instabilidade financeira que o Brasil enfrentou nesse intervalo de tempo.

Em sua análise o autor reforça que as altas taxas de inflação e os impactos adversos dos repetidos planos econômicos implementados pelo governo levaram, entre outras consequências, a uma migração de investimentos do mercado financeiro para ativos tangíveis. Dessa forma, promove a ampla criação de gado em pastagens, encorajando a implementação de uma atividade que apresenta baixo risco tanto em termos de produção quanto de preços, além de proporcionar elevada liquidez do ativo. Santana et al., (2019), faz alusão de naquela época, a criação de animais era vista como uma forma de conservar riqueza, ao invés de ser considerada uma atividade cujo desempenho econômico motivasse seu desenvolvimento. Assim, sua ampliação nas décadas de

1970 e 1980 aconteceu principalmente por meio da adição de novas regiões.

Goiás é fundamental para a pecuária do Brasil, possuindo aproximadamente 22 milhões de cabeças de gado bovino, o que o torna o segundo maior rebanho do país e representa cerca de 10,7% do total de gado nacional. Além disso, o estado de Goiás destaca-se pela grande quantidade de leite produzida, sendo considerado o quarto maior produtor do Brasil, com uma produção anual em torno de 3 bilhões de litros (IBGE, 2019). A região possui uma infraestrutura forte de empresas ligadas ao setor agropecuário, além de uma rede de frigoríficos que, em 2017, processou 2.821.872 animais (ABIEC, 2020).

De acordo com a Federação das Indústrias do estado de Goiás (FIEG), em 2020, o Valor Bruto da Produção (VBP) de gado bovino em Goiás alcançou R\$ 13,9 bilhões, apresentando um crescimento anual médio de 3,32% na última década. Em 2022, o VBP atingiu R\$ 15,4 bilhões, refletindo um crescimento de 10,79% ao longo de dois anos. De acordo com um levantamento apresentado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA, 2021), a pecuária de corte em Goiás ocupa a quarta posição no cenário nacional, ficando atrás apenas de Minas Gerais, São Paulo e Mato Grosso do Sul (FIEG, 2023).

Goiás se destaca como um dos maiores criadores de gado no Brasil. No ano de 2020, o efetivo de bovinos ultrapassava 23,8 milhões, posicionando-se em segundo lugar, atrás de Mato Grosso, que possuía 32,7 milhões de cabeças nesse período. No nível municipal, as localidades de Nova Crixás e São Miguel do Araguaia se destacam por apresentar as maiores proporções dentro do rebanho bovino (Tabela 2). Em 2021, o estado registrou 1,07 milhão de animais em confinamento, posicionando-se logo após Mato Grosso, que teve 1,4 milhão, e São Paulo, com 1,1 milhão (FIEG, 2023).

IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS, DESAFIOS E POTENCIALIDADES REGIONAIS

O setor industrial vinculado ao agronegócio é conhecido como agroindústria. No contexto particular da criação de gado, inclui os frigoríficos, abatedouros e fábricas que elaboram carne bovina. Conforme informações da Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo), Goiás conta com 34 unidades registradas que podem realizar o abate de bovinos e fornecer carne no território nacional. Entretanto, o levantamento não especifica quais desses estabelecimentos estão operando.

Conforme informações fornecidas pelo Sindicarnes de Goiás, o estado conta atualmente com 20 unidades operacionais. Acredita-se que o setor de abate e processamento de bovinos em Goiás seja bastante concentrado. Em 2012, os quatro principais frigoríficos tinham uma participação de mercado de 86,84%. Quando a análise se estende para os oito maiores, a concentração ultrapassa 99%. Em 2020, Goiás registrou a *slaughter* de 2,79 milhões de animais, enquanto em 2021 esse número subiu para 2,97 milhões. Essa dinâmica também se manifesta nas oportunidades de emprego criadas pela atividade. Em 2020, o número de empregos formais associados à agroindústria atingiu 256.364, dos quais 90.616 estavam relacionados à produção de alimentos. No setor específico da agroindústria alimentar, as empresas que trabalham com o abate e produtos de carne bovina registraram, em 2020, um total de 2.226 vínculos empregatícios, com um salário médio de R\$ 2.044,06 (FIEG, 2023).

Na categoria ‘Abate e produção de produtos cárneos’, que abrange todos os setores de abate de animais, não se limitando apenas ao gado bovino, foram registrados, em 2020, um total de 36.451 vínculos. Desses, apenas 6,1% correspondem a frigoríficos e abatedouros de bovinos, totalizando 2.226 (FIEG, 2023).

Compreender como o Noroeste Goiano se insere na lógica do agronegócio nacional e, ao mesmo tempo, como sua cadeia produtiva da carne bovina pode ser interpretada pela ótica da teoria dos polos de crescimento de François Perroux. A concentração da produção em determinados municípios e a posição de Goiás entre os maiores estados em número de abates confirmam a existência de polos dinâmicos que geram efeitos de encadeamento para frente ao impulsionar frigoríficos, exportação e comércio de carne, e para trás, estimulando a indústria de insumos, a produção de grãos para ração e os serviços de apoio à pecuária.

Contudo, conforme o próprio Perroux (1977) apontava, o crescimento polarizado tende a produzir efeitos de concentração e desigualdade, o que também é visível na realidade goiana. Nesse sentido, a teoria de Eugenio Raúl Zaffaroni (1973) sobre o direito penal do inimigo ajuda a interpretar como os trabalhadores rurais e populações marginalizadas frequentemente são enquadrados como “obstáculos” ao desenvolvimento, sendo invisibilizados ou criminalizados quando resistem às pressões da expansão agropecuária.

Já a perspectiva de Loïc Wacquant sobre as “prisões da miséria” dialoga com esse cenário ao revelar como a marginalização social e econômica no campo pode gerar ciclos de exclusão que, em última instância, alimentam a vulnerabilidade social e até mesmo a criminalização da pobreza. Por outro lado, autores como Schneider e Niederle (2020) destacam que a diversificação

das cadeias produtivas e a valorização da agricultura familiar podem ser alternativas para reduzir os efeitos negativos da concentração. A integração de políticas públicas que incentivem a economia circular, a sustentabilidade ambiental e a inclusão de pequenos produtores torna-se crucial para transformar os polos de crescimento em polos de desenvolvimento regional, no sentido mais amplo e equitativo do termo.

A região do Noroeste Goiano, ao mesmo tempo em que se consolida como polo estratégico da cadeia da carne bovina, enfrenta dilemas estruturais relacionados à sustentabilidade, à justiça social e à equidade territorial, questões centrais para a construção de um modelo de desenvolvimento mais justo e inclusivo.

O AVANÇO DO AGRONEGÓCIO NA REGIÃO NOROESTE

O crescimento da pecuária na região Noroeste de Goiás pode ser interpretado à luz das premissas de Bradford e Kent (1987), que enfatizam a lógica de organização espacial dos centros de produção e consumo. A primeira suposição (a) sobre a existência de uma vasta planície homogênea encontra respaldo na realidade regional: a topografia predominantemente plana e a presença de extensas áreas de pastagem favorecem a expansão da pecuária, garantindo acessibilidade e reduzindo custos de transporte. Essa característica explica a concentração do rebanho bovino em municípios como Nova Crixás, consolidado como polo de produção.

A segunda premissa (b), que supõe uma distribuição populacional uniforme, apresenta limitações no caso do Noroeste goiano. A região caracteriza-se por baixa densidade demográfica e forte concentração fundiária, o que refuta a ideia de homogeneidade. A expansão da pecuária tem reforçado a concentração territorial e produtiva em grandes propriedades, resultando em desigualdades de acesso e em menor presença de núcleos urbanos intermediários.

A terceira e quarta suposições (c e d), sobre a existência de núcleos centrais que oferecem bens e serviços dentro de zonas de influência e a busca dos consumidores pelo centro mais próximo, encontram correspondência no papel desempenhado por municípios médios como Mozarlândia e São Miguel do Araguaia. Estes funcionam como centros de ordem superior (Bradford; Kent, 1987), articulando a comercialização da produção pecuária, a logística de escoamento e a oferta de serviços especializados, como frigoríficos, bancos e transportadoras. No entanto, ao contrário da teoria, observa-se que a movimentação não é exclusivamente orientada pelo “centro mais próximo”, mas também pela inserção em mercados globais, uma vez que a

exportação da carne bovina conecta a região diretamente a países como México e China, ultrapassando a lógica regional.

As premissas e, f e g, que destacam a racionalidade econômica dos fornecedores e a hierarquia entre centros, são visíveis na forma como grandes frigoríficos e tradings se estabelecem estrategicamente em pontos que maximizam sua área de mercado. Os fornecedores de “funções superiores” não apenas concentram serviços administrativos e financeiros, mas também controlam as cadeias de exportação, reforçando a desigualdade entre centros de diferentes ordens. Essa lógica de hierarquização se reflete na consolidação de Goiânia e Anápolis como centros de decisão e intermediação financeira, enquanto municípios do Noroeste assumem papel mais restrito na produção primária.

Por fim, a suposição (h), de que todos os consumidores possuem a mesma capacidade financeira e demanda por bens e serviços, mostra-se pouco aplicável à realidade regional. As desigualdades sociais, tanto urbanas quanto rurais, revelam que a renda gerada pela pecuária concentra-se em poucos agentes econômicos, enquanto comunidades tradicionais, pequenos produtores e trabalhadores rurais enfrentam exclusão e vulnerabilidade.

Os dados sobre a expansão da pecuária no Noroeste de Goiás confirmam parcialmente as premissas da teoria de Bradford e Kent (1987), sobretudo no que se refere à lógica espacial de concentração produtiva e à hierarquização dos centros. No entanto, a realidade regional desafia aspectos fundamentais do modelo, como a suposição de homogeneidade territorial e populacional, além de revelar que o agronegócio opera não apenas em função de mercados locais e regionais, mas sobretudo de cadeias globais de exportação. Isso reforça a necessidade de atualizar o referencial teórico, considerando dimensões contemporâneas como globalização, financeirização do agronegócio e impactos socioambientais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pecuária de corte no Noroeste Goiano se configura como um dos principais vetores de desenvolvimento territorial, extrapolando o papel de mera atividade econômica. Apoiada em teorias como a dos Lugares Centrais (Christaller) e a dos Polos de Crescimento (Perroux), evidencia-se a lógica de concentração produtiva e sua influência na organização do espaço regional, com impactos expressivos na geração de empregos, na indústria e na renda, consolidando Goiás como destaque nacional e internacional. Contudo, esse protagonismo

também revela contradições, como a concentração de riquezas, a exclusão de pequenos produtores e a precarização laboral, o que reforça a necessidade de políticas públicas mais inclusivas e equilibradas.

No campo socioambiental, a pecuária enfrenta desafios ligados ao desmatamento, às emissões de gases e à degradação de recursos naturais. Práticas como manejo de pastagens, integração lavoura-pecuária-floresta e rastreabilidade despontam como oportunidades para alinhar competitividade e sustentabilidade, desde que inseridas em uma visão sistêmica que integre dimensões econômicas, sociais e ambientais. Nesse sentido, o pleno potencial da atividade só será alcançado mediante esforços articulados entre produtores, governo e instituições de pesquisa, com atenção à redução de desigualdades socioespaciais, ao fortalecimento da agricultura familiar e à adoção de práticas de baixo carbono. Novos estudos podem comparar a dinâmica regional com outras áreas, como Mato Grosso e Pará, além de aprofundar a análise sobre tecnologias de certificação, bem-estar animal e sistemas agroflorestais, investigando seus efeitos sobre a competitividade e a mitigação de impactos ambientais.

REFERÊNCIAS

ABIEC – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS EXPORTADORAS DE CARNE. **Números do setor**. São Paulo, 2023. Disponível em: <http://abiec.com.br/>. Acesso em: 11 mar. 2025.

ABIEC – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS EXPORTADORAS DE CARNE. **Beef report**: perfil da pecuária no Brasil 2020 (relatório anual). São Paulo, 2020. Disponível em: <http://abiec.com.br/publicacoes/beef-report-2020/>. Acesso em: 11 mar. 2025.

ABIEC – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS EXPORTADORAS DE CARNE. **Beef report**: perfil da pecuária no Brasil 2021. São Paulo: Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne, 2011.

ARRAIS, T. A. **Geografia contemporânea de Goiás**. Goiânia: Editora Vieira, 2004.

BERNARDELLI, L. V.; MICHELLON, E. Trabalho formal na cadeia de produção de carne bovina. *Revista de Política Agrícola*, v. 28, n. 1, p. 18–29, 2019. Disponível em: <<https://rpa.sede.embrapa.br/RPA/article/view/1340>>. Acesso em: 26 ago. 2025.

BUENO, E. A. C. **Desenvolvimento regional em Goiás: o caso da Região Norte – 2000 a 2015**. 2019. 119 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Planejamento Territorial) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia. Disponível em: <https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/4272>. Acesso em: 11 mar. 2025.

CAIXETA FILHO, J. V. **Logística para a agricultura brasileira**. Piracicaba: ESALQ/USP,

2015. Disponível em: <https://esalqlog.esalq.usp.br/upload/kceditor/files/2015/08/Logistica-para-agricultura-brasileira.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2025.

CHRISTALLER, W. **Central places in Southern Germany**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1966.

DELGADO, G. C. Agronegócio e agricultura familiar no Brasil: desafios para a transformação democrática do meio rural. **Novos Cadernos NAEA** v. 15, n. 1, p. 85-129, jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/10830/7463> Acesso em: 11 mar. 2025.

DIAS, S. L. F. G.; LABEGALINIB, L; CSILLAG, J. M. Sustentabilidade e cadeia de suprimentos...nacionais e internacionais. **Produção**, v. 22, n. 3, p. 517-533, maio/ago. 2012.

EMBRAPA. **Qualidade da carne bovina**. Brasília: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, 2021.

FIEG - FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE GOIÁS. **Carne e couro bovino**. Goiânia: FIEG, 2023.

FERREIRA, G. C. V. et al. Pecuária em Goiás: análise da distribuição espacial e produtiva. **REDE – Revista Eletrônica do PRODEMA**, Fortaleza, v. 13, n. 2, p. 21-39, 2020. Disponível em: <https://goias.gov.br/agrodefesa/wp-content/uploads/sites/49/2021/05/PRODEMA-83b.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2025.

HIRSCHMAN, A. O. **Estratégia do desenvolvimento econômico**. Tradução de L. Schlaepfer. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1958.

LIMA, A. C. C; SIMÕES, R. F. Teorias clássicas do desenvolvimento regional e suas implicações de política econômica: o caso do Brasil. **Revisra RDE**, 2010. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/view/878> Acesso em: 11 mar. 2025.

MALAFAIA, G. C.; BISCOLA, P. H. N. **Anuário CiCarne da cadeia produtiva da carne bovina – 2023**. Campo Grande, MS: Embrapa Gado de Corte, 2023.

MARTINS, M. D. M. **Análise da eficiência técnica da pecuária de corte para regiões brasileiras selecionadas – uma análise de fronteira estocástica**. 2019. Tese (Doutorado em Economia Aplicada) – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, Piracicaba.

MYRDAL, G. **Teoria econômica e regiões subdesenvolvidas**. Harper e How, 1957.

NEPSTAD, Daniel et al. Slowing Amazon deforestation through public policy and interventions in beef and soy supply chains. **Science**, v. 344, n. 6188, p. 1118-1123, 2019.

PACHECO, H. C. A. **Regiões de influência das cidades**, 2018. Confins, v. 48, 2020.

PERROUX, F. **A economia do século XX**. Tradução de J. L. Freitas. Lisboa: Livraria Moraes

Editora; Rio de Janeiro: Herder, 1967.

PERROUX, F. O conceito de polo de crescimento. In: FAISSOL, E. (Org.). **Urbanização e regionalização**. Brasília: Secretaria de Planejamento da Presidência da República, 1977.

PEROBELLI, F. S.; ARAÚJO JUNIOR, I. F. de; CASTRO, L. S. de. As dimensões espaciais da cadeia produtiva do leite em Minas Gerais. **Nova Economia**, v. 28, p. 297–337, 2018.

SANTANA, C. A. M. et al. **Cerrado**: pilar da agricultura brasileira. Brasília: Embrapa, 2019. Disponível em: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/1121866/1/Cerrado-pilar-da-agricultura-brasileira.pdf>. Acesso em: 01 jan. 2025.

SAITH, W; KAMITANI, E. L. T. Convergência e dinâmica agropecuária: uma análise espacial entre os anos de 1990 e 2013. **Revista de Economia e Agronegócio**, v. 14, n. 1, 2016. DOI: <https://doi.org/10.25070/rea.v14i1.7601>

SOUTO, R. L. S. et al. Cidade, região, hierarquia de cidade e redes urbanas: uma proposta de revisão teórica. **Revista Desenvolvimento Econômico**, Salvador, v. 19, n. 37, p. 57-81, ago. 2017. Disponível em: <https://amazonc.unifacs.br/index.php/rde/article/viewFile/5025/3230>. Acesso em: 02 fev. 2025.

SCHNEIDER, S; NIEDERLE, P. A. Agricultura familiar e desenvolvimento rural: desafios para as políticas públicas no Brasil. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 58, n. 4, p. 515-532, 2020.

YOKOO, M. J. I. et al. Genomic selection in Nelore cattle: Accuracy of direct genomic breeding values for carcass traits. **Genetics Selection Evolution**, v. 51, n. 1, p. 1-10, 2019.

ZAFFARONI, E. R. **Teoria del delito**. Buenos Aires: Ediar, 1973.

ZYLBERSZTAJN, D; NEVES, M. F. **Economia e gestão dos negócios agroalimentares**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2000.

WACQUANT, Loïc. 1999. **As Prisões da Miséria**. Paris: Raisons d'Agir. 190